

O ATO DE CAMINHAR E A EDUCAÇÃO: A PROPÓSITO DOS 300 ANOS DO NASCIMENTO DE ROUSSEAU

Jordi Garcia Farrero*

RESUMO

Este trabalho, que tem como finalidade estudar a maneira de caminhar de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), está configurado em duas partes. Por um lado, mostra a última etapa da vida do autor como o momento em que se percebe mais explicitamente seu verdadeiro *homo viator*. Durante esse período – tal como revelam suas obras autobiográficas –, ele estava submetido a duras acusações dos enciclopedistas, e o ato de caminhar acaba se convertendo na atividade mais adequada, visto que lhe permitia pensar, lembrar o passado e, ao mesmo momento, satisfazer o seu eu doído, triste e desprezado pela alta e ilustrada sociedade francesa. Nesse sentido, a forma de transitar rousseauniana foi solitária – uma espécie de autoexílio das cidades e dos aparelhos sociais – e caracterizada pelo contato com a natureza, como bem demonstra sua nova e principal ocupação: a herborização. Por outro lado, este artigo pretende realizar uma reflexão sobre a tendência educativa que surgiu no final do século XIX (neonomadismo pedagógico), já que a ação pedestre desse autor, que podia ser concebida como uma excursão, é um claro antecedente do Romantismo pedagógico.

Palavras-chave: Rousseau. Caminhar. Neonomadismo pedagógico. Excursão.

ABSTRACT

THE ACT OF WALKING AND EDUCATION: 300 YEARS AFTER ROUSSEAU'S BIRTH

This paper aims to explore the way of walking of Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). It is organized as follows. On the one hand, it indicates the last stage of his life as the one that makes possible more explicitly to observe his true *Homo Viator*. Over this period, as we can see in his autobiographical works, he began to fall out with the Encyclopedists, and the act of walking became a very appropriate activity as it allowed him to think and to recall the past and, at the same time, to satisfy his hurt, sad and unvalued ego by the high French society. Hence, the Rousseauian way of walking was lonely, a kind of self-exile from the cities and the social apparatus - characterized by the contact with nature, his newest main occupation (herborization). On the other side, this article tries to make a reflection on the educational trend that emerged in the late nineteenth century (pedagogical neonomadism), because the pedestrian action of this author, which could be conceived as an excursion, is a clear antecedent of the pedagogical Romanticism.

Keywords: Rousseau. Walking. Pedagogical Neonomadism. Excursion.

* Doutorando em Pedagogia. Professor de História da Educação na Universidad de Barcelona. Endereço para correspondência: Universidad de Barcelona. Pg. Vall d'Hebron, 171. Campus Mundet. Edifici Llevant. 3ª Planta. Despatx 332. CP: 08035 Barcelona, Espanha. jgarciaf@ub.edu

Abertura: quando caminhar é muito mais que “deslocar-se a pé de um lugar a outro”

Caminhar – ao lado de outras derivações, como caminhada, caminhante ou encaminhar – provém de *caminho*, palavra de origem céltica cuja primeira forma foi *camminus*. Este termo foi alheio ao latim arcaico e clássico, mas não é possível dizer o mesmo em relação à sua penetração no latim vulgar, já que, com exceção do romeno (plimbáre), deixou descendência em todas as línguas românicas: *caminar* (espanhol e catalão), *caminhar* (português), *cheminer* (francês), *camminare* (italiano) e *camniar* (galego). Vale dizer que o seu abasto fraseológico e semântico é mais restrito em francês e espanhol, dado que *marcher* e *andar* costumam ser vocábulos de uso mais recorrente. De todas as formas, não há dúvida de que em todas as línguas latinas apresenta o mesmo significado. Quanto à sua sinonímia, destaca-se a significativa quantidade de vocábulos semelhantes com os quais se relaciona, tais como dirigir-se, mover-se, deslocar-se, avançar, circular, andar, rodar, passear, explorar, vagar, errar, marchar ou peregrinar.

Dito isso, pode-se afirmar que – desde que os nossos antepassados *Australopithecus afarensis* conseguiram manter a coluna reta – *caminhar* é a ação humana utilizada para o deslocamento de forma autônoma. Portanto, é bastante possível que caminhar seja a atividade mais ordinária e natural que os seres humanos podem realizar.

Não obstante, se se observa mais atentamente, pode-se constatar que a nossa maneira de nos deslocar, ao longo da história, transformou-se em algo mais que dar um passo atrás do outro. Tanto é assim que se tornou objeto de estudo de algumas disciplinas científicas. Entre outras, convém destacar a Antropologia física ou biológica, que estuda o milagre do bipedismo na família denominada homínidos (*Hominidae*) e as suas consequências sociais e culturais na evolução da espécie humana; a Psicologia evolutiva, que examina o processo que necessita uma pessoa para conseguir manter a postura ereta durante os primeiros anos de vida; e algumas disciplinas das Ciências da Saúde, que estudam a marcha

humana normal e a patológica. Mesmo que cada uma represente uma maneira bem distinta de abordar o deslocamento humano, o conjunto dessas disciplinas permite que o ato de caminhar seja considerado uma categoria.

Nesse sentido, também é necessário mencionar uma série de autores que tomaram consciência do próprio movimento e passaram a considerar o ato de caminhar uma autêntica experiência estética. Entre outros, cabe citar os passeios românticos do poeta William Hazlitt (Maidstone, 1778 – Soho, 1830) ou do escritor Robert Louis Stevenson (Edimburgo, 1850 – Upolu, 1894), as explorações naturalistas e humanistas por territórios exóticos de Alexander von Humboldt (Berlim, 1769 – Berlim, 1859), o andar sem rumo pela capital da Modernidade de Honoré de Balzac (Tours, 1799 – Paris, 1850) ou Charles Baudelaire (Paris, 1821 – Paris, 1867) e as viagens que permitiram a Patrick Leigh Fermor (Londres, 1915 – Dumbleton, 2010) e a Bruce Chatwin (Sheffield, 1940 – Nice, 1989) metamorfosearem-se e conhecerem outras culturas. Em realidade, poderiam ser citados outros tantos exemplos – como as figuras arquetípicas de Abraão, Ulisses ou Eneias – porque, como todos sabem, cada pessoa tem uma maneira singular de caminhar o mesmo caminho.

Em decorrência do abordado até o momento, pode-se intuir que o autor aqui analisado – Jean-Jacques Rousseau (Genebra, 1712 – Ermenonville, 1778) – também foi um pensador que realizou longas caminhadas ao longo da sua trajetória vital. Sua forma de executá-las, inclusive, apresenta claras conotações educativas, como se verá a seguir por meio da apresentação das práticas pedagógicas pedestres e de *plenair* que se originaram graças ao naturalismo pedagógico romântico. Este artigo abordará, portanto, um dos pensadores mais importantes da História da Filosofia a partir de seus passeios (*promenades*).

Aspectos biográficos de Rousseau

Sólo he viajado a pie en mis días de juventud, y siempre con delicia. Pronto los deberes, los asuntos y un equipaje que llevar me obligaron a dárme las de señor y a utilizar vehículos, a los que conmigo

subían atormentadoras preocupaciones, apuros y molestias; mientras que antes en mis viajes no sentía otra cosa que el placer de caminar, desde entonces no he sentido otra cosa que la necesidad de llegar. (ROUSSEAU, 2007c, p. 91).

Tal com indica a citação acima, a vida de Rousseau pode ser dividida em três etapas bem definidas. A primeira seria sua infância e juventude (1712-1742); depois, a época em que viveu em Paris entre os enciclopedistas e publicou suas obras mais emblemáticas (1742-1762); e a última, caracterizada pelo nascimento de sua forma de transitar (as *promenades*) e, conseqüentemente, pelo retorno à natureza por meio da herborização (1762-1778).

Rousseau nasceu em 1712 em Genebra, filho de Isaac Rousseau (1672-1747), um relojoeiro, e de Suzanne Bernard (1673-1712), que morreu no seu nascimento por culpa de uma febre puerperal. Por isso, a tia e o pai do pequeno Rousseau tornaram-se responsáveis por sua educação. No que se refere ao papel de seu progenitor, que tentou transmitir-lhe um espírito livre e republicano sem adotar nenhum tipo de educação sistemática, vale ressaltar que, praticamente todas as tardes, o obrigava a ler algum romance sentimental da época e obras de Plutarco, já que, para a Genebra calvinista, cultivar tais hábitos era sinônimo de ser um cidadão bem educado.

Dez anos depois de seu nascimento, e em razão da saída forçada de seu pai da cidade suíça por causa de uma grave discussão com um antigo chefe dos exércitos do eleito da Saxônia, a tutela de Rousseau foi transferida às mãos de seu tio. Gabriel Bernand toma certas decisões – como a de torná-lo aprendiz de gravador ao lado de um mestre tirânico chamado Abel Ducommun – que, de acordo com o próprio filósofo genebrês, levaram ao fim da serenidade de sua vida infantil; em outras palavras, ao início de sua etapa de mentiras e roubos. Em 1728, no entanto, deixou de sofrer a brutalidade de seu mestre, já que, depois de encontrar as portas da cidade fechadas quando voltava de uma excursão com uns amigos, Rousseau decidiu distanciar-se de seu país e de sua família para começar uma nova vida tão miserável como independente. Dessa maneira, começaram suas conhecidas viagens pe-

destres pelo continente europeu¹ que, muito tempo depois, foram motivo de interessantes reflexões como estas: “Lo que más lamento de los detalles de mi vida cuyo recuerdo he perdido es no haber hecho diarios de mis viajes. Nunca pensé tanto, ni existí tanto, ni viví tanto ni fui tanto yo mismo, si es que puedo hablar así, como en los que hico solo y a pié.” (ROUSSEAU, 2007c, p. 207).

Fruto dessa errância, que tinha o claro propósito de buscar uma vida melhor e mais plácida, Rousseau conheceu vários nobres e preceptores, mas a figura de Françoise-Louise de la Tour (Tour de Pil, 1699 – Annecy, 1762) – também conhecida como Mme. de Warens – foi a que teve maior incidência em sua trajetória vital, principalmente entre 1728 a 1741, como mostra a constante lembrança dessa perceptora ao longo da vida de Rousseau. Não há dúvida de que na maneira de ser e fazer de Mme. de Warens – mais adiante conhecida como a amada *Maman* – encontram-se os principais motivos pelos quais o pensador suíço sempre manifestou que tinha boas lembranças de sua infância e juventude. Ela o tutelou e lhe proporcionou uma educação acurada, iniciando-o no catolicismo² e o ajudando em seu interesse pela música³.

Dessa perspectiva, convém fazer uma pausa e destacar sua estada – ao lado de Mme. de Warens – numa pequena e acolhedora casa de Les Charmettes. Entre 1738 e 1740, Rousseau, que voltou a desfrutar de uma vida sedentária depois de vários anos de errância contínua, idealizou, para ele mesmo, um plano de vida que lhe permitiu ler e instruir-se como autodidata. Não há dúvida de que, durante aqueles anos, teve um progresso intelectual considerável. Se se observa atentamente seu

1 Com o propósito de demonstrar que foi um grande caminhante, indicar-se-ão, por ordem cronológica, todas as viagens a pé que fez entre 1712 e 1742: Genebra–Confignon (6 km); Confignon–Annecy (39 km); Annecy–Turim–Annecy (416 km); Annecy–Lion–Annecy (268 km); Annecy–Genebra–Nyon–Freiburg–Lausanne–Neuchâtel (160 km); Boudry–Berna (57 km); Berna–Soulere (700 km); Soulere–Paris (700 km); Paris–Lion (400 km) e, por último, Lion–Chambéry–Les Charmettes (100 km). Vale a pena lembrar que a maioria dos seus deslocamentos vinham motivados pelas aulas de música que ministrava.

2 De acordo com o segundo livro da obra *Les confessions*, sua conversão aconteceu na igreja metropolitana de São João de Turim, em 1728.

3 Não é de se estranhar, então, que mais tarde estreassem diferentes óperas das quais ele era o autor. Entre outras, podem-se destacar *Les Muses Galantes* (1745) e *Devin de village* (1752).

plano de vida é possível entender e corroborar esta última afirmação: antes de tomar café da manhã, dava um passeio e fazia suas orações; depois lia um pouco de algum clássico (Locke, Descartes, Leibntz...). Após um tempo, estudava geometria, latim, fisiologia ou astronomia. Almoçava e, mais tarde, inspecionava as flores e estudava ou lia, atividades que realizava com mais facilidade que quando as fazia durante a jornada matutina. Efetivamente, foram tempos de meditação no recesso, de estudo da natureza e de contemplação do universo, que forçaram um solitário a elevar-se continuamente em direção ao autor das coisas e a buscar com uma doce inquietude o fim de tudo o que via e a causa de tudo o que sentia.

Mais tarde, decide romper definitivamente com o mundo de sua amada *Maman* e muda-se para Paris a fim de apresentar um novo sistema de notação musical⁴ na Academia, que lamentavelmente foi rejeitado, e lançar-se à “*torrente del mundo*”⁵, como se verá mais adiante. Rousseau entra então no entorno dos ilustrados em qualidade de copista de música e, dessa maneira, começa a estabelecer relações com Denis Diderot (Langres, 1713 – Paris, 1784) e Jean d’Alembert (Paris, 1717 – Paris, 1783). Embora logo tenha recebido a incumbência de escrever alguns artigos sobre música na *Encyclopédie*, seus primeiros anos na capital do Hexágono não foram nada fáceis do ponto de vista material e, por esse motivo, foi obrigado a aceitar o trabalho de secretário do embaixador francês na capital da ópera italiana, Veneza. Tal como expressa a citação que encabeça este parágrafo, o deslocamento que fazia em carroça de cavalos em direção à cidade italiana possivelmente seja o melhor exemplo da segunda etapa que acabava de começar na vida do filósofo genebrês, em que buscava fama e posição social. Não obstante, depois de dezoito meses, voltou a Paris em razão de desentendimentos com o cônsul e conheceu Thérèse Levasseur (Orléans, 1721 – Le Plessis, 1801), que logo seria a mãe de seus cinco filhos e, tempos depois, sua esposa.

Em outra ordem das coisas, a detenção de Diderot em razão da publicação de *Lettre sur*

les aveugles à l’usage de ceux qui voient per les encara autoritats de l’Ancien Régime (1749) coincidiu com o momento em que o nosso autor se encontrava mais ligado às ideias dos ilustrados franceses. Tanto é assim que Rousseau o visitou quase todos os dias enquanto esteve preso no Chateau de Vincennes. Foi nessa época que, num dos deslocamentos pedestres feitos entre Paris e Vincennes (10 km), o autor suíço teve uma visão súbita – conhecida como *Illumination de Vincennes* – sobre as contradições do sistema social tal como demonstrou o *Discours sur les sciences et les arts* (1750), em que afirma que as Ciências e as Artes não fizeram progredir a felicidade humana (ROUSSEAU, 1974, 2006). Como reconhecimento a essa obra, ganhou o prêmio da Académie Dijon daquele ano. Alguns anos depois voltou a inscrever-se no prêmio com um texto que se intitulava *Discours sur l’origine et les fondements de l’inégalité parmi les hommes* (1755)⁶, fruto da inspiração da viagem de sete ou oito dias que fez com sua esposa a Saint-Germain. Naquela ocasião, não teve tanta sorte porque a instituição douta citada não lhe concedeu a premiação. Mesmo assim, mais tarde voltou a provar o sucesso e as boas críticas com seu primeiro romance, *Julie, ou, la nouvelle Héloïse* (1761) (ROUSSEAU, 2007b).

Logo, no entanto, ficou claro que Rousseau não havia nascido para aquele mundo de tanta pompa e ornamento. Há unanimidade entre os estudiosos de sua obra e vida sobre o fato de que, para os enciclopedistas, a ruptura oficial foi causada pelas ideias que defendeu em *L’Émile ou de l’éducation* (1762) e *Du contrat social* (1762), as quais, posteriormente, evidencia em *Letter to D’Alembert on the Theatre* (1758)⁷. A isso deve-se acrescentar que, em 1765, tomou duas decisões que os ilustrados dificilmente entenderiam: continuar com o seu ofício de copista de música e abandonar Paris – ou,

6 Vale a pena lembrar que esse texto é considerado o primeiro em que o nosso autor aborda o tema do *Homo naturālis* com o objetivo de resolver o problema do direito natural e da desigualdade política. Fruto de tudo isso, Voltaire lhe escreveu uma carta dizendo que se tratava de um livro contra o gênero humano que dava vontade de andar de quatro quando se lia.

7 Nesta obra epistolar, realiza uma crítica sem restrições contra o teatro burguês. Frente a essa manifestação artística, o autor pré-romântico era mais partidário de festas de caráter lúdico ao ar livre, já que promoviam a inclusão de todos os cidadãos e os bons costumes, ao invés do deterioramento das virtudes (ROUSSEAU, 2009).

4 Em poucas palavras: substituir a linguagem musical cifrada por uma de números. Ver Ferrer (2010).

5 Expressão retirada da obra *Las ensoñaciones del paseante solitario* (ROUSSEAU, 2008, p. 50).

tal como dizia ele mesmo, o *redemoinho da alta sociedade* – para viver ao lado do bosque Montmorency, já que tinha certeza de que sua preferência pela vida rural estava arraigada no fundo da sua sensibilidade. Em outras palavras, a ideia de que a natureza sempre lhe havia dado mais instantes de profundas alegrias e felicidade tiveram mais força que o desejo de chegar à glória e conquistar o reconhecimento na cidade.

Para concluir essa apresentação sobre a trajetória vital de Rousseau, será analisada sua última etapa (1762-1778), caracterizada pelas consequências da condenação e proibição de seus dois grandes livros (*Émile* e *Du Contrat Social*) pelos poderes civis e eclesiásticos de Paris e de Genebra. Durante esse período, foi obrigado a abandonar precipitadamente a cidade de Les Lllums porque as autoridades correspondentes emitiram uma ordem de busca e captura. Por tudo isso, passou a ser conhecido como um “fugitivo nesse mundo”, já que voltou a vagar pelo continente europeu, buscando asilo em Yberdon⁸, Môtiers-Travers (Principado de Neuchâtel)⁹, Île Saint-Pierre, Paris, Londres e, finalmente, Ermenonville, onde morreu, em 1778.

Por outro lado, convém advertir que a vida de Rousseau durante essa época também esteve sumamente condicionada pelas críticas constantes que recebia do mundo que havia rejeitado (os *philosophes*) quando decidiu sair de Paris. No entanto, a situação tornou-se ainda pior por causa de uma publicação de Voltaire (Paris, 1694 – Paris, 1778) que denunciava o maior pecado de Rousseau como pedagogo da Modernidade: o envio de todos os seus filhos a um hospício chamado Casa de Enfants Trouvés¹⁰. A partir de então, tal como

ele mesmo constata, Rousseau passou de ser uma pessoa incômoda no circuito intelectual da época, chegando a considerar-se o “horror da raça humana”. Tendo em conta esse contexto, o nosso autor, em vez de escrever uma carta para responder a Voltaire, como havia feito tantas vezes anteriormente, decidiu começar uma nova empreitada: escrever uma obra autobiográfica. Não obstante, vale dizer que, ainda que seja constituída por *Les confessions* (1782-1789), *Dialogues de Rousseau juge de Jean-Jacques* (1782) e *Les Rêveries du promeneur solitaire* (1782), faz-se referência somente ao primeiro e ao último escrito, pois foram os que, mais tarde, se tornaram referentes do gênero da autobiografia moderna (ROUSSEAU, 2008).

Chegados a esse ponto, é o momento ideal para apresentar brevemente *Les confessions* e *Les Rêveries du promeneur solitaire*, obras que tem dois propósitos bem diferentes e, como se comprovará mais adiante, são básicas para conhecer a paixão que tinha Rousseau pelo ato de caminhar. Quanto à primeira obra, diferentes aspectos podem ser destacados. Tal como fez Santo Agostinho (354-430) quando caía o Império Romano, o pedagogo moderno recuperou a arte de se confessar publicamente com o objetivo de preservar sua figura. Defendia que a única maneira de se proteger contra os ataques severos que recebia era mostrando sua verdadeira natureza. Dessa maneira, esse livro – dividido em duas partes, e cada uma delas dividida em seis capítulos – abarca todos os acontecimentos que sucederam desde o seu nascimento até 1765 e, sem dúvida, poderia ser concebido como um retrato um pouco intencionado em muitas ocasiões porque, entre outros objetivos, tentou construir mitos como o da infância perdida, aproveitando suas lembranças.

No que se refere à outra obra autobiográfica, publicada postumamente, será feito somente um comentário, visto que, na apresentação da forma de transitar que será abordada posteriormente, estará muito presente por ser o livro que mostra mais explicitamente o objeto de estudo deste artigo. Sendo assim, Rousseau, nos inacabados *Les Rêveries du promeneur solitaire*, que está dividido em dez passeios em vez de capítulos, já não tem nenhuma pretensão de estabelecer um diálogo com

8 Não se pode esquecer que, anos mais tarde (1805-1825), essa localidade suíça converteu-se no centro do pestalozzismo organizando uma escola de ensino primário e secundário para meninos, uma escola para meninas, uma escola normal para professores e um centro de formação profissional. Como se sabe, a obra de Johann Heinrich Pestalozzi (Zuric, 1746 – Brugg, 1827) foi muito influenciada por *Emilio*, o *De la educación*.

9 Tal como explica em *Las Confesiones* (ROUSSEAU, 2007c, p. 727), foi então quando abandonou a indumentária típica do mundo ilustrado e adotou o armino. Graças ao pintor Allan Ramsay (Edimburgo, 1713 – Dover, 1784), há um retrato que o demonstra (National Gallery Scotland, 1766).

10 Trata-se do opúsculo *El sentiment dels ciutadans* (Le sentiment des Citoyens, 1764). Nesse sentido, também é interessante ver Boswell (1997).

os leitores. Ao contrário, é um texto que fez para ele mesmo e pensado para sua evasão em direção a uma ordem mais natural e menos contaminada pela sociedade.

O caminhante solitário que rememora e herboriza

Vê-se, então, que a obra *Les Rêveries du promeneur solitaire* confirma o que foi dito nessas últimas páginas: Jean-Jacques Rousseau sempre foi um grande caminhante. Para muitos, é considerado um dos primeiros a praticar esse exercício em sua época, já que seus contemporâneos – os ilustrados – habitualmente preferiam circular com carroças de cavalos durante seus deslocamentos. Para expressar melhor e confirmar a tese mencionada, é preferível deixar falar o próprio autor: “la marcha tiene algo que anima y aviva mis ideas: cuando estoy quieto apenas puedo pensar; mi cuerpo ha de estar en movimiento para poner en él mi espíritu” (ROUSSEAU, 2007c, p. 207).

É portanto nessa última obra autobiográfica que se pode perceber perfeitamente a figura desse filósofo genebrês em movimento e, sobretudo, o método que utilizou durante aqueles anos (1776-1778). A citação seguinte o explicita:

Pues habiendo formado el proyecto de describir el estado habitual de mi alma en la posición más extraña em que mortal alguno podrá encontrarse nunca, no he visto manera más simple y más segura de ejecutar esta empresa que llevar un registro fiel de mis paseos solitarios y de las enseñaciones que los llenan cuando dejo mi cabeza enteramente libre y a mis ideas seguir su inclinación sin resistencia ni traba. Esas horas de soledad y meditación son las únicas del día en que soy yo plenamente y para mí sin distracción ni obstáculo, y en que verdaderamente puedo decir que soy lo que la naturaleza ha querido. (ROUSSEAU, 2008, p. 33).

Ainda assim não se pode esquecer que justamente naquela época o nosso autor era uma pessoa atormentada pelas disputas e acusações feitas pelos enciclopedistas e, por esse motivo, decide dar pequenos passeios para estar longe das cidades e dos aparelhos sociais e, igualmente, para lembrar do passado com o fim de satisfazer o seu eu doído,

triste e menosprezado pela alta sociedade francesa. Tinha certeza que os negócios de Diderot e Voltaire o haviam levado a começar o exercício de se perguntar “quem sou eu?” (ROUSSEAU, 2008, p. 17).

Tendo em conta que a principal finalidade de suas obras autobiográficas foi descobrir o tipo de homem que não havia sido desfigurado pela cultura e pelas artes, cabe enunciar uma série de particularidades que constituem os passeios rousseauianos. Para começar, pode-se destacar o fato de que estava acostumado a caminhar pelas trilhas de forma solitária. No entanto, a solidão rousseauiana, que naquela época converteu-se num dos seus principais ideais, passou por diferentes etapas, tal como indica Todorov (1987). Inicialmente, era uma solidão que queria recuperar a sociedade; logo se transformou num tipo de solidão que desaprovava totalmente todo o social. Depois, como indica *Les Rêveries du promeneur solitaire*, aparece uma solidão feliz¹¹, quando Rousseau percebe sua situação como uma oportunidade para dar vida e sentido ao que se encontra gravado no Templo de Delfos, “*gnosi seauton*”.

Depois, como é lógico, a natureza também desempenhou um papel muito relevante. É possível dizer que as árvores e os animais foram seus únicos acompanhantes enquanto caminhava. Podem demonstrá-lo suas grandes descrições paisagísticas¹² e seus herbários (*Hortus siccus*, jardim de plantas secas). É evidente que o prazer de descobrir e colher plantas foi muito importante para Rousseau durante seus últimos anos de vida (1764-1778)¹³ porque

¹¹Nesse sentido, convém lembrar escritores e caminhantes tão importantes como William Hazlitt ou Robert Louis Stevenson, já que caminharam de uma maneira muito parecida, como nos mostra a seguinte citação: “uma excursão a pé, para aproveitá-la devidamente, deve ser feita em solitário. Se se faz em grupo, ou inclusive em casal, já só de nome não é uma excursão; é algo distinto, mais parecido com um piquenique” (HAZLITT; STEVENSON, 2003, p. 38).

¹²No quinto passeio de *Las enseñaciones del paseante solitario* (ROUSSEAU, 2008), o pensador suíço faz um retrato bucólico da Ilha de Saint Pierre (o lago Biene, Suíça). Convém recordar, igualmente, que a pintura, uns anos mais tarde, produziu uma série de obras de montanhas, vales, mares e entardeceres, ou seja, sobre a relação do homem com a natureza. Como se sabe, um dos melhores paisagistas da época foi Caspar David Friedrich (Greifswald, 1779 – Dresde, 1840). Desse autor, pode-se destacar *El atardecer* (Schweinfurt, 1821), visto que retrata dois caminhantes – com semelhanças mais que evidentes com o nosso autor – contemplando a natureza em meio a um bosque esteticamente sugestivo.

¹³Por ordem cronológica, pode-se citar alguns dos lugares onde realizou a atividade de herborizar: Serralada del Jura, Val-de-Travers, ilha de Saint Pierre, Strasbourg, Derbyshire, Lion, Grenoble, Bourgoin, Monquin e entorno de Paris (bosques de Boulogne, Fontaine-

lhe permitiu esquecer “seus inimigos” (Diderot e D’Alembert) e, como consequência, sonhar com a purificação da sua vida que, afinal de contas, era seu objetivo principal naquela época.

Por sua vez, é importante destacar que a Botânica é uma ciência que foi favorecida pela vontade prerromântica de querer conviver harmoniosamente com a natureza, tão típica da sociedade do final do século XVIII. Nesse sentido, não se pode deixar de citar autores tão importantes para a disciplina mencionada como Adanson, Jussieu ou Buffon. De toda maneira, é bem possível que o mais importante de todos tenha sido Carl von Linné (Rashult, 1707 – Uppsala, 1778), que com a obra *Systema naturae* (1735) fundou a taxonomia moderna (nomenclatura binomial e sistema de classificação sexual das plantas).

Sendo assim, cabe ressaltar que Rousseau, se comparado ao importante botânico sueco, deu um sentido diferente ao trabalho de fazer conjuntos de herbários recoletados durante suas passeios botânicos. Tratava-se, então, de um estudo ocioso feito por um solitário sexagenário que amava a natureza sem propósitos instrumentais (não admitia que a Botânica fosse dividida em teórica e prática) e, por esse motivo, a apresentou como uma *scientia amabilis* para todas as pessoas sensíveis e curiosas pela variedade e complexidade do mundo vegetal. Segundo esse filósofo, o mais importante dessa disciplina era saber observar a natureza e apreciar sua beleza em vez de aprender todos os nomes do reino vegetal de memória. Podem comprovar essa última ideia as obras *Fragments pour un dictionnaire des termes d’usage en botanique* (1781), com um total de 184 verbetes, e *Lettres sur la botanique*, na qual, com um espírito de divulgação científica indiscutível, apresentou distintas famílias do reino vegetal a *petite Madelon*, Marguerite-Madeleine Delessert (1767–1839) (ROUSSEAU, 2007c, p. 508).

Por último, faz-se necessário lembrar que o ato de devanear (*les Rêveries*) também se configurou como uma das singularidades mais relevantes do universo de Rousseau em movimento. Para o autor de *Du contrat social*, o devaneio *sub divo*, que o

bleau, Ermenonville e Montmorency). Além disso, no livro *Cartas sobre Botânica* (ROUSSEAU, 2007a), se pode ver uma estátua (p. 6) e um gravado (p. 12) que demonstram sua dedicação.

permitia entreter-se e descansar, ao contrário da atividade reflexiva, foi a ação mais natural para ele durante aqueles dias. Não há nenhuma dúvida de que, a despeito da situação em que se encontrava, passear lhe permitiu pensar, lembrar, organizar todas as suas vivências e tirar particulares conclusões a partir de ideias leves e doces, que não agitavam muito o fundo da sua alma. Por último, cabe acrescentar que essa atividade imaginativa era passiva porque as ideias sucediam sem obstáculos (sensibilidade física), mas, ao mesmo tempo, exatamente o oposto, porque era o guia de suas meditações (LÓPEZ HERNÁNDEZ, 1989, p. 161).

Em síntese, pode-se afirmar que as *promenades* solitárias de Rousseau consistiam em um devaneio, ou uma evasão pelo imaginário, e uma descoberta constante de plantas do entorno de Paris ou da ilha de Saint Pierre. Nesse contexto, há uma passagem cuja reprodução integral é inevitável:

Nunca he podido hacer nada pluma en mano delante de una mesa y mi papel. Es durante el paseo en medio de las rocas y los árboles, es de noche en mi cama y durante mis insomnios cuando escribo en mi cerebro: júzguese con qué lentitud, sobre todo para un hombre absolutamente falto de memoria verbal, y que en su vida no ha podido retener de memoria seis versos. (ROUSSEAU, 2007c, p. 153).

Final: o encontro entre o ato de caminhar e a educação

Para finalizar este artigo, expor-se-ão duas breves considerações. Por um lado, será realizado um exercício histórico com a finalidade de identificar diferentes experiências educativas que têm importantes semelhanças em relação à forma de transitar de Rousseau, e, por outro, será sugerida a possibilidade de estabelecer um território comum tanto para as experiências educacionais, como para as ações pedestres.

Primeira consideração. É importante destacar que *L’Émile ou de l’éducation* é o sinal de saída à pedagogia moderna e, ao mesmo tempo, a apresentação de um método que tem por objetivo chegar à pureza de Emílio a partir da supressão de toda a maldade acumulada pela cultura artificiosa e a desigualdade humana. Por meio da narração da trajetória vital de um indivíduo totalmente desvinculado

de sua história, família e sociedade¹⁴, Rousseau tem a pretensão de reconciliar o homem com a natureza (*Retournons à la nature!*); promover um otimismo antropológico (o homem é bom por natureza e é a civilização que o corrompe) frente a um pessimismo social e histórico; exaltar o exercício físico e o contato com a natureza (o gosto pelo plenarismo) e, além disso, construir uma pedagogia vivida e espontânea para que a criança possa experimentar por ela mesma e não por meio de outras pessoas ou de livros (individualismo).

Tal concepção naturalista da educação, que, sem dúvida, é completamente moderna e, mais ainda, espiritualista, teve muito boa aceitação – com lógicas restrições (o papel da sociedade e da cultura) – entre os denominados pedagogos do romantismo (Pestalozzi ou Fröbel) e, posteriormente, entre os principais representantes do movimento renovador da Escola Nova (Montessori, Ferrière, Decroly ou Dewey, entre outros). Podem comprová-la as diferentes práticas educativas que desenvolveram na natureza (colônias escolares, escoteirismo, banhos de mar, alpinismo, excursionismo etc.) sob a influência do naturalismo pedagógico romântico do final do século XIX e início do século XX. Dito de outra maneira, foi a institucionalização do retorno à natureza a partir de modelos pedagógicos lúdicos e pedestres.

Vistas assim as coisas, fica claro que o livro pedagógico romanceado citado anteriormente colocou sobre a mesa dois aspectos fundamentais: a importância do meio e do corpo (em movimento) do educando (a educação física) nos processos de formação. É por esse motivo que, justo neste momento, vale a pena lembrar a velha discussão entre o nomadismo e o sedentarismo pedagógico

¹⁴ Vale recordar que esse livro está dividido em cinco partes e cada uma delas corresponde a um estágio evolutivo concreto do personagem (ROUSSEAU, 2003). A primeira parte, que abarca a vida de Emílio desde o seu nascimento até os dois anos de idade, aborda a experiência sensível do mundo, as três educações e a missão nutricional e educativa das mães. Depois é o momento que começa a configurar a sensibilidade, a desenvolver-se corporalmente e, além disso, leva à prática a educação negativa. Na terceira parte, vê-se um Emílio adolescente (12 a 15 anos), quando inicia a culturalização (introdução da educação intelectual e leitura de seu primeiro livro, *Robinson Crusoe*). Mais adiante (dos 15 anos ao casamento), narra a necessidade de iniciar a educação sexual, moral, social e religiosa. Por último, descreve a entrada de Emílio na sociedade, acompanhado de sua esposa, Sofia. Aliás, antes de se casar, Emílio fez uma viagem de dois anos pelo continente europeu com a intenção de conhecer povos, governos e costumes.

surgida na Europa no início do século passado em razão do estilo de vida urbano.¹⁵

Segunda consideração. É fundamental dizer que este artigo, que teve a pretensão de apresentar a vertente mais pedestre do pedagogo da Modernidade, também quer evidenciar que o ato de caminhar pode ser entendido como uma interessante práxis educativa, dado que nela mesma coincidem o método e a finalidade e, nesse sentido, o destino pelo qual se começa uma travessia representa uma ocasião perfeita para iniciar e viver um processo formativo.

Não obstante, vale a pena lembrar que, hoje em dia, o fato de passear parece haver ficado subordinado a outros discursos, como o médico (um exercício a mais para perder peso, reafirmar os músculos, elevar a frequência cardíaca ou melhorar a tolerância à glicose); o do crescimento pessoal (dar um passo atrás do outro se converte em um tipo de terapia para aprender a ter controle da própria vida, reduzir ansiedades, melhorar o estado depressivo ou a fadiga emocional); ou o das atividades de lazer (caminhar ou trilhas), que gradativamente se colocaram como muito mais relevantes que o próprio ato em questão.

Por tudo isso, pode-se considerar que um dos legados da vida e da obra de Rousseau também poderia ser a possibilidade de repensar as caminhadas como uma atividade formativa de primeira ordem.

¹⁵ Trata-se de uma época em que a excessiva concentração de população nas cidades estava gerando precárias condições de vida (falta de consciência higiênica; alimentação pobre; déficit de salubridade nas ruas e casas; falta de assistência médica; pobreza) e, consequentemente, uma alta taxa de mortalidade.

REFERÊNCIAS

- BOSWELL, James. **Encuentro con Rousseau y Voltaire**. Barcelona: Mondadori, 1997.
- FERRER, Anacleto. **Rousseau: música y lenguaje**. Valencia: Universidad de Valencia, 2010.
- HAZLITT, William; STEVENSON, Robert. **El arte de caminar**. México, DF: UNAM, 2003.
- LÓPEZ HERNÁNDEZ, José. **La ley del corazón: un estudio sobre J.-J. Rousseau**. Murcia: Universidad de Murcia, 1989.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre las ciencias y las artes**. Buenos Aires: Aguilar Argentina SA de Ediciones, 1974.
- _____. **Emilio, o de la educación**. Madrid: Alinza Editorial, 2003.
- _____. **Discurso sobre las ciencias y las artes**. Discurso sobre el origen y fundamento de la desigualdad entre los hombres. Buenos Aires: Losada, 2006.
- _____. **Cartas sobre botánica**. Oviedo: KRK Ediciones, 2007a.
- _____. **Julia, o la nueva Eloísa**. Madrid: Ediciones Akal SA, 2007b.
- _____. **Las confesiones**. Madrid: Alianza Editorial, 2007c.
- _____. **Las ensoñaciones del paseante solitario**. Madrid: Alianza Editorial, 2008.
- _____. **Carta a d'Alembert sobre los espectáculos**. Madrid: Editorial Tecnos, 2009.
- TODOROV, Tzvetan. **Frágil felicidad**. Un ensayo sobre Rousseau. Barcelona: Gedisa, 1987.

Recebido em 06.11.2012

Aprovado em 23.01.2013